



## **Representações do idoso na internet: reflexões sobre um discurso midiático**

**Heloisa Helena Ribeiro de Castro**

**Universidade Paulista**

**Doutoranda em Comunicação sob a orientação da profa. Dra. Malena Segura Contrera, tem desenvolvido uma análise das imbricações que envolvem a mídia eletrônica, em especial o portal Universo Online, e os processos de envelhecimento.**

### **Resumo**

Atualmente, nesse mundo globalizado e globalizante no qual o visual adquiriu uma importância sem precedentes, nos parece fundamental entender a representação do idoso na mídia digital, construída sobre os auspícios da neofilia. Mais do que nunca precisamos problematizar e discutir as implicações de uma representação equivocada, com imagens de jovialidade que não representam mais uma fase da vida mas sim uma vida inteira. As imagens refletidas trazem uma representação própria, que acabam por eliminar a possibilidade de resiliência e significação do idoso, porque a partir do momento que “a representação vem antes da percepção” como nos traz Cyrulnik, entendemos que esse processo acaba por extirpar a grande possibilidade do velho de contar histórias, de reconfigurar e imprimir na cultura suas próprias percepções, embora ele tenha sido, um dia, “propulsor da vida presente do seu grupo” (Bosi, 1994).

**Palavras-chave:** Imagem; idoso; velho; neofilia; representação midiática

*Rugas deveriam apenas indicar onde os sorrisos estiveram*  
*Mark Twain*

No mundo todo estamos nos deparando com uma realidade que há pouco tempo parecia improvável: estamos envelhecendo de forma muito rápida, o que nos levará



provavelmente a uma triplicação do número de pessoas com mais de 60 anos em 2050<sup>1</sup>, segundo estimativas da Organização das Nações Unidas, ONU.

No Relatório sobre a Situação da População Mundial de 2011<sup>2</sup>, realizado pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) em nove países<sup>3</sup>

Hoje existem 893 milhões de pessoas acima de 60 anos em todo o mundo. Na metade deste século, esse número subirá para 2,4 bilhões. Cerca de uma em cada duas pessoas vive em cidades e, em aproximadamente 35 anos, duas entre três o farão. As pessoas com menos de 25 anos já compõem 43% da população mundial, chegando a 60% em alguns países”. (BABATUNDE OSOTIMEHIN, Diretor Executivo do UNFPA, 2011, p. ii)<sup>4</sup>

O progresso tecnológico da área de saúde nos propiciou uma acentuada queda nos índices de mortalidade das idades mais avançadas, passando a haver um aumento de pessoas com 80 anos ou mais pelo mundo afora o que nos traz repercussões tanto no âmbito social quanto no econômico. Ainda segundo as Nações Unidas, esse segmento de pessoas que representava em 2011, 1,6% da população mundial passará a representar 4,3% em 2040 ou 20% do total da população idosa (KANSO, 2013, p. 2).

São números tão impressionantes quanto heterogêneos porque cerca de 60% dos pouco mais de sete bilhões de pessoas vivem na Ásia. Somente China e Índia juntas

---

<sup>1</sup> A Organização idoso é aquele que tem 60 anos ou mais e para países desenvolvidos, idoso é aquele Mundial da Saúde, OMS, estabelece o idoso segundo o nível sócio-econômico da nação porque para países em desenvolvimento que tem 65 anos ou mais.

<sup>2</sup> O relatório sobre a Situação da População Mundial é publicado desde 1978, pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) e enfoca, a cada ano, questões de interesse da atualidade que estão profundamente relacionadas tanto com a população como com o desenvolvimento. Disponível em <http://www.unfpa.org.br/novo/index.php/situacao-da-populacao-mundial?tmpl=component&print=1&page=>

<sup>3</sup> Os países que participaram do estudo foram: China, Egito, Etiópia, Finlândia, Índia, México, Moçambique, Nigéria e a Antiga República Iugoslava da Macedônia por apresentarem desafios demográficos como envelhecimento da população e altas taxas de fecundidade. Disponível em <http://www.unfpa.org.br/Arquivos/swop2011.pdf>

<sup>4</sup> Prefácio do Relatório sobre a Situação da População Mundial 2011, produzido pela Divisão de Informações e Relações Externas do UNFPA, o Fundo de População das Nações Unidas. Disponível em <http://www.unfpa.org.br/Arquivos/swop2011.pdf>



respondem por 2,5 bilhões de pessoas, ou seja, quase 35% de toda a população do planeta e o Brasil, com pouco mais de 200 milhões, 201.032.714 habitantes, em 1º de julho de 2013, segundo dados do IBGE<sup>5</sup>. Mas o processo de envelhecimento também conhecido como transição demográfica<sup>6</sup>, nos atinge e muito. Ainda que única, enquanto um processo global que atinge toda a sociedade brasileira, a transição demográfica apresenta-se como múltipla, pois se manifesta diferentemente segundo as diversidades regionais e, principalmente, sociais. Nessa perspectiva, a transição demográfica está longe de ser considerada neutra: pode tanto criar possibilidades demográficas que potencializem o crescimento da economia e do bem-estar social da população, quanto ampliar as graves desigualdades sociais que marcam a sociedade brasileira. (BRITO, 2008, P. 5)

O número de idosos passou de 3 milhões, em 1960, para 7 milhões, em 1975, e 22 milhões, em 2010 – um aumento de mais de 700% em 50 anos. Estima-se que o Brasil alcançará 32 milhões de idosos em 2020. Em países como a Bélgica e a França, por exemplo, foram necessários mais de cem anos para que a população idosa dobrasse de tamanho. (VERAS in Moragas, 2010, p. 12)

Ainda segundo dados do IBGE, através da Projeção da População do Brasil por sexo e idade para o período de 2000 à 2060, publicada em agosto de 2013<sup>7</sup>, no início da presente década tínhamos uma população de 994.067 pessoas na faixa etária compreendida entre 80 e 84 anos. Em 2060 serão 8.625.639. Na faixa compreendida entre 85 e 89 anos tínhamos em 2000, 493.932 pessoas que em 2060 serão 5.461.797 e por fim no mesmo ano tínhamos uma população de 284.467 pessoas com mais de 90 anos que serão, em 2060, 5.024.073. Aliado a esses dados, temos uma queda na taxa

---

<sup>5</sup> Disponível em [ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas\\_de\\_Populacao/Estimativas\\_2013/populacoes\\_estimativas\\_BR\\_UF\\_T\\_CU\\_31\\_10\\_2013.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2013/populacoes_estimativas_BR_UF_T_CU_31_10_2013.pdf)

<sup>6</sup> Transição demográfica é quando estamos passando de uma estrutura de alta fertilidade e alta mortalidade para um processo de baixa fertilidade e diminuição da mortalidade, causado pelos inúmeros avanços tecnológicos em todas as áreas de conhecimento.

<sup>7</sup> Disponível em [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao\\_da\\_populacao/2013/](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2013/)



de natalidade o que fará com que em 2060 tenhamos dois habitantes com mais de 65 anos para cada criança.

Um fator que não podemos deixar de lado é que o processo de envelhecimento está sempre acompanhado de um aumento de despesas, inclusive as públicas:

As estimativas oficiais indicam que, em trinta anos, os países desenvolvidos terão que gastar no mínimo de 9% a 16% a mais do PIB simplesmente para honrar seus compromissos com os benefícios de aposentadoria. [...] Portanto, o envelhecimento global representa uma questão pendente de, no mínimo, US\$ 64 trilhões – como uma espada apontada sobre o futuro do mundo desenvolvido. (VERAS in MORAGAS, 2010, p. 12)

Hoje no Brasil gastamos 10% do Produto Interno Bruto<sup>8</sup> (PIB) para efetivarmos as aposentadorias que, em média, duram mais ou menos 25 anos e esse número tende a crescer em função do aumento da expectativa de vida do brasileiro que em 1950 era 43 anos e em 2013 atingiu 74,9 anos, segundo dados do IBGE. Um ponto de reflexão é que o gasto de 10% do PIB é um número muito parecido com países como Espanha e Portugal que tem um volume muito maior de idosos do que nós. Para se ter uma ideia, Portugal é o oitavo país do mundo com maior população de idosos.

De um lado a queda de natalidade<sup>9</sup> que entre 2004 e 2013 teve um crescimento de 33% nas famílias formadas por casais sem filhos no Brasil, segundo a Síntese de Indicadores Sociais 2014 do IBGE. Para o Instituto, um em cada cinco casais brasileiros opta por não ter filhos. Essa tendência de queda na taxa de natalidade vem se consolidando há décadas, como já ocorreu em outros países. Para termos uma ideia real, em 1970 a média de filhos para os brasileiros era de 5,8; em 2000 a taxa de fecundidade total era de 2,39 filhos e em 2014 foi de 1,77 filhos, representando uma queda de 26% nesse indicador em 14 anos. Por outro lado temos o envelhecimento da população e no

<sup>8</sup> Número parecido com países como Espanha e Portugal, que tem um volume muito maior de idosos do que nós. Para se ter uma ideia, Portugal é o oitavo país do mundo com maior população de idosos.

<sup>9</sup> Entre 2004 e 2013 tivemos um crescimento de 33% nas famílias formadas por casais sem filhos no Brasil, segundo a Síntese de Indicadores Sociais 2014 do IBGE. Para o Instituto, um em cada cinco casais brasileiros opta por não ter filhos.



meio desse processo os jovens e a população ativa, que produzem para garantir o bem estar dos extremos da população (criança e idoso).

Os países em desenvolvimento mais acelerados, particularmente os BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China), em menos de vinte anos passaram de um cenário de mortalidade próprio de uma população jovem para um quadro de enfermidades complexas e onerosas, típicas da terceira idade, caracterizado por doenças crônicas e múltiplas que perduram por anos, com exigência de cuidados constantes, medicação contínua e exames periódicos. (VERAS in MORAGAS, 2010, p. 14)

As implicações desses dados são muito grandes, a partir do momento que não existem políticas públicas de longo prazo para o amparo desses idosos. Temos também as condições que muitas vezes são impostas a eles por seus filhos, cuidadores, parentes próximos que, irritados com suas deficiências, sua falta de memória, de coordenação e outros problemas que a própria idade apresenta, ou assoberbados com as demandas produtivas da vida adulta, desenvolvem comportamentos que acabam por ser extremamente violentos tanto física quanto psicologicamente.

Como nos trouxe Simone de Beauvoir já na década de 70 do século passado, “todo mundo sabe: a condição das pessoas idosas é hoje escandalosa” e a escritora continua:

[...] É a classe dominante que impõe às pessoas idosas seu estatuto; mas o conjunto da população ativa se faz cúmplice dela. Na vida privada, filhos e netos não se esforçam para abrandar o destino de seus ascendentes (BEAUVOIR, 1990, p. 265).

Em uma sociedade capitalista, onde a estrutura econômica, de produção, pauta toda a vida social, é fácil percebermos o porquê de um critério etário para estabelecer o que deveria ser somente mais uma fase da vida ou como nos traz Moragas “uma etapa a mais da experiência humana” que, segundo o autor, deve ser vislumbrada como uma fase positiva sim, onde é possível, ainda, existir o desenvolvimento individual e social. (MORAGAS, 2010, p. 23)

“O surgimento de categorias etárias relaciona-se intimamente com o processo de ordenamento social que teve curso nas sociedades ocidentais durante a época moderna” (SILVA, 2008); antes desse período não havia uma demarcação real do curso da vida, em função do trabalho não ser dividido em funções especializadas. Com a



Revolução Industrial isso mudou, acabando por exigir “diferenciações entre as idades” embora existam autores como CAMARANO E PASINATO que discordam dessa identificação etária.

Assumir que a idade cronológica é o critério universal de classificação para a categoria idoso é correr o risco de afirmar que indivíduos de diferentes lugares e diferentes épocas são homogêneos (CAMARANO e PASINATO, 2004, p. 5).

Mas antes de tudo, precisamos entender que

[...] acredita-se que “idoso” identifica não somente indivíduos em um determinado ponto do ciclo de vida orgânico, mas também em um determinado ponto do curso de vida social, pois a classificação de “idoso” situa os indivíduos em diversas esferas da vida social, tais como o trabalho, a família, etc.” (CAMARANO e PASINATO, 2004, p. 4)

Nos povos antigos as atividades de sobrevivência como plantar, colher, caçar, pescar, etc. estavam diretamente ligadas às atividades de sentido, pois eram tarefas que faziam parte da vida, que estavam ligadas a rituais, a cerimônias que acolhiam, que entrelaçavam, que agrupavam, que traziam sentido à vida e também à comunidade porque “fortaleciam laços de solidariedade e de comunhão com os outros e com a natureza, fazendo desses grupos verdadeiras morfogêneses naturais, sem separação, sem ruptura” (BONZATTO, 2011, p.1); eram essas as atividades que garantiam a coesão e a consequente sobrevivência do grupo. O homem comungava com a natureza, se harmonizava com ela e não a despeito dela querendo sobrepujá-la, suplantá-la.

“A sociedade industrial é maléfica para a velhice” como nos traz Ecléa Bosi (BOSI, 1994, p. 77) porque deixa de ser uma sociedade estável, onde o homem, em todo o transcurso de sua vida, tem papéis que são desempenhados sem qualquer alusão etária. “Nas sociedades mais estáveis um octogenário pode começar a construção de uma casa, a plantação de uma horta, pode preparar os canteiros e semear um jardim. Seu filho continuará a sua obra.” (idem)

O trabalho dissocia-se da ideia de labor porque laborar é realizar uma obra, obrar, enquanto que trabalho cumpre penas.

Mas a sociedade contemporânea não preserva, ela tem pressa pois o que aí está atrapalha o progresso! O velho já não produz e portanto não há o que se preservar “de





sua obra”, salvo quando ele, como nos mostra Bosi, sendo de uma classe favorecida, consegue se defender desta “inutilidade” através da acumulação de seus bens.

O velho não participa da produção, não faz nada: deve ser tutelado como um menor. Quando as pessoas absorvem tais ideias da classe dominante, agem como loucas porque delineiam assim o seu próprio futuro (ibidem, p. 78)

A sociedade ocidental privilegia o contínuo recomeço, a neofilia, o permanente interesse pelo que é novo. Uma sociedade percebida por muitos como “em crise”, “um mundo confuso e confusamente percebido” (SANTOS, 2001, p. 17), com concepções simplistas do passado, do presente e do que podemos esperar do futuro.

A violência imposta aos homens se dá através das subtrações a que estamos submetidos há pouco mais de dois séculos.

“Sentir e imaginar o mundo não se separam na reação estética do coração, como em nossas psicologias posteriores, derivadas dos escolásticos, cartesianos e empiristas britânicos. Suas ideias favoreciam o assassinato da alma do mundo através da separação da atividade natural do coração em sentir os fatos por um lado e, por outro, intuir fantasias, deixando-nos imagens sem corpos e corpos sem imagens, uma imaginação subjetiva imaterial, separada de um mundo amplo de fatos objetivos inanimados” (HILLMAN, 1993, p. 17).

A subtração do corpo, do imaginário, do sentir, da troca, dos vínculos, nos transforma em escravos do medo e “assustados, perdidos e sedados nos encontramos entre a necessidade de vínculos de pertencimento e um “eu” que narcisicamente se espelha mas não se olha” (Informação verbal)<sup>10</sup>.

Entender as relações que culminaram neste desencantamento e nas possíveis ausências que ele traz, nos auxilia a dimensionar a relevância do papel que o processo de neofilia explicitado por Konrad Lorenz nos traz:

Esse amor pela novidade ou “neofilia” afeta praticamente todas as relações de que o homem é capaz com o mundo exterior. Para as pessoas contaminadas por essa doença cultural, um par de sapatos, uma roupa, um carro, perdem o encanto com pouco tempo de uso, exatamente como a pessoa amada, o amigo ou até mesmo a pátria (LORENZ, 1973, p. 45),

<sup>10</sup> Malena Segura Contrera em aula ministrada no curso de pós-graduação strictu sensu em comunicação, na Universidade Paulista, dentro da disciplina Mediosfera – a natureza do imaginário midiático, em outubro de 2013.



e a sua relação com o apagamento do passado, para podermos estabelecer as representações imagéticas do tempo, do velho<sup>11</sup> e da memória, entendida aqui como a contextualização que estabelece relações entre o presente, o passado e o futuro

Os fenômenos da memória, tanto nos seus aspectos biológicos como nos psicológicos, mais não são do que os resultados de sistemas dinâmicos de organização e apenas existem “na medida em que a organização os mantém e os reconstitui”. (LE GOFF, 2003, p. 420-421)

Para a jornalista Eliane Brum, em crônica intitulada Me Chamem de Velha, “Velho é uma conquista. Idoso é uma rendição”.

Todas essas constatações nos fizeram indagar sobre a velhice, sobre a “coisificação” do velho, sobre a neofilia.

Quais as implicações da ausência do tempo lento e a representação do outro, da vida e das memórias na cultura?

Em função disso é importante falarmos dessa troca constante entre o eu, o outro e suas representações, evidenciando a porosidade humana em relação ao meio ambiente como nos traz Cyrulnik:

Se possuímos em nós a loucura de viver, devemos procurar as situações por onde seremos penetrados pelos elementos físicos, tais como a água, o oxigênio ou os alimentos; pelos elementos sensoriais, tais como o tacto, a vista de um rosto ou a vocalidade das palavras; por elementos sociais, tais como a família, a profissão ou os discursos (CYRULNIK, 1997, p. 91-92).

Essa troca traz a possibilidade de constante atualização, de que se busque novas maneiras de entender e de estar no mundo. No caso do velho, de novas maneiras de se representar e de poder viver, sem obrigações estéticas ou comportamentais, pautadas em um imaginário midiático que vislumbra exclusivamente um mercado

---

<sup>11</sup> Nesse trabalho escolhemos utilizar a terminologia velho ao invés de idoso por uma escolha semântica explicitada no texto intitulado “Me chamem de velha de Elaine Blum. “Chamar de idoso aquele que viveu mais é arrancar seus dentes na linguagem. Velho é uma palavra com caninos afiados – idoso é uma palavra banguela. Velho [e] letra forte. Idoso é fisicamente débil, palavra que diz de um corpo, não de um espírito. Idoso fala de uma condição efêmera, velho reivindica memória acumulada. Idoso pode ser apenas “ido”, aquele que já foi. Velho é – e está. (Blum, 20/02/2012) Disponível em <http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2012/02/me-chamem-de-velha.html>





potencialmente promissor, para aquisição de produtos desenvolvidos a cada minuto mundo afora. Um mundo hoje globalizado e globalizante, rápido, repleto de imagens e de narrativas que nem sempre são nossas, mas que penetram nas nossas histórias e nas nossas memórias.

#### Segundo Bezerra de Meneses

A caracterização mais corrente da memória é como mecanismo de registro e retenção, depósito de informações, conhecimento, experiências. Daí com facilidade se passa para os produtos objetivos desse mecanismo. A memória aparece, então, como algo concreto, definido, cuja produção e acabamento se realizaram no passado e que cumpre transportar para o presente (MENESES, 1992, p. 34).

Florès em seu livro *La mémoire* assinala que para Pierre Janet, o ato mnemônico fundamental seria o “comportamento narrativo” por se tratar “de comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo”. (FLORES IN LE GOFF, 2003, p. 421)

#### Maurice Halbwachs nos traz que

[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 1990, p. 26)

Mesmo que nós estejamos sós, carregamos as percepções, intenções e expressões daqueles que convivem conosco, que trocam informações, que dialogam, que nos trazem suas impressões, sempre carregadas das próprias estruturas culturais, sociais, políticas e econômicas.

...Não basta que eu tenha assistido ou participado de uma cena onde outros homens eram espectadores ou atores para que, mais tarde, quando eles a evocarem diante de mim, quando reconstituírem peça por peça a sua imagem em meu espírito, subitamente essa construção artificial se anime e tome aparência de coisa viva, e a imagem se transforme em lembrança. (HALBWACHS, 1990, p. 28)

Desta maneira se estrutura a memória coletiva, construída sobre diversas lembranças e percepções; sobre sentimentos e emoções; sobre diferentes pontos de



referência que trarão o sentido de pertencimento, de identidade, de uma memória comum a um determinado grupo.

Nesse processo em que fatos sociais se tornam coisas, não se pode subestimar o papel dos imaginários.

Se o idoso tem uma possibilidade privilegiada de narração da memória, por que nossas instituições não lhe privilegiam? Por que ele é continuamente apagado?

Esse questionamento central nos levou a indagar sobre como a nossa sociedade, e seus legítimos representantes - os meios de comunicação, tem tratado a velhice? Fase da vida que nos traz o imprevisível, as transformações mais radicais ocorridas no corpo e também no espírito. É fundamental percebermos as diferentes linguagens e representações do velho, para que possamos de fato entender as relações entre a mídia e a construção da imagem pública deste velho.

O homem lança mão de recursos de linguagem, recursos cognitivos; sistemas de organização espaço-temporais por meio dos quais vai organizando a realidade assimilada, especialmente significativas na medida em que são maneiras de organizar, por meio de uma ação imaginativa, questões que se apresentam especialmente angustiantes e geradoras de ansiedade. (CONTRERA, 2003, p. 97)

Essa reorganização imaginativa daqueles que se apresentam, nos auxilia a traçar caminhos diferentes. Somos capazes de reescrever a história, nossa história, independente do meio em que nos encontramos. Essa capacidade de assimilar novos significados não só nos deixa alertas como nos mantém vivos.

Mas vivemos em uma sociedade cada vez mais midiaticizada, onde o homem se encontra fragmentado, despedaçado, sem sua riqueza multidimensional e é neste momento que mais do que nunca é necessária a interação, a vinculação como sentido de pertencimento, de possibilidade de “fazer parte de”, “estar com”.

[...] a partir dos primeiros dias: a criança vai procurar na mãe as informações sensoriais (odor, brilho nos olhos, baixas frequências de voz) de que precisa para constituir um sentimento de familiaridade. Assim que fica securizada, explora em redor. Porém, a maneira de explorar depende do modo como a mãe respondeu à sua busca de familiaridade (CYRULNIK, 2001, p. 63).



Como seres gregários que somos, o outro tem uma importância vital para a nossa sobrevivência física, mental e emocional mas isso não é só na infância. O outro faz parte de nós a vida inteira, conta a nossa história, estrutura nossa memória, nosso ontem, nosso agora.

Desta maneira, a criação de vínculos é estruturante porque garante a constituição de nós mesmos e nos auxilia diante de todas as situações vividas, principalmente as situações de incertezas, de perdas, de traumas onde é necessária uma ressignificação.

E é através desta reorganização, deste pensamento simbólico que ressignifica, que conseguimos estruturar nossas próprias narrativas e conseguimos atingir a resiliência que para Cyrulnik

Consiste en la habilidade para tener un momento de felicidad incluso cuando tienes una herida en el alma. La magnitud de esa herida es lo de menos: hay personas que se sienten destrozadas por la muerte de un gato y otras que pasan pruebas muy duras con éxito y sin problemas aparentes. En cualquier caso, lo importante es poder atribuirle siempre un significado al trauma o al fracaso o a la situación indeseada, sea la que sea (CYRULNIK, 2012, disponível em <http://crecejoven.com/pedagogia--boriscyrulnik>)

Se não conseguimos encontrar um novo significado dentro de um processo angustiante e sofrido, não atingimos a resiliência. “Si no hay sentido no hay resiliência. Hay confusión” (CYRULNIK, 2012, disponível em <http://crecejoven.com/pedagogia--boriscyrulnik>)

É a resiliência que permite atingirmos a superação e para isso é necessário um tutor de resiliência, alguém que acolhe, que compreende, que escuta, que fundamentalmente dá segurança.

Se pensarmos que a morte nos acompanha desde o nascimento, verificaremos o quão importante é termos tutores de resiliência que nos propiciem lidar com este medo no transcorrer da vida.

Para Maria Júlia Kovács

A morte faz parte do desenvolvimento humano desde a mais tenra idade. Nos primeiros meses de vida a criança vive a ausência da mãe, sentindo que ela não é onipresente. Estas primeiras ausências são vividas como mortes, a criança se percebe só e desamparada (KOVÁCS, 1992, p. 3).



No transcorrer da vida, vamos nos deparando de novo com a morte em outros estágios como por exemplo através da perda de entes queridos, das notícias veiculadas nos meios de comunicação, eletrônicos ou não, no dia a dia das grandes cidades no trânsito, nas ruas. Ela nos persegue sem cessar e através da violência simbólica vai nos atemorizando, nos paralisando. E para não “morrermos de medo” estabelecemos mecanismos de defesa como a negação ou a intelectualização.

Mundo violento, midiaticizado, solidão, em alguns casos ausência de vínculos. Como lidar com tudo isso em um mundo que está envelhecendo, em um mundo que se tornará ancião em tão pouco tempo?

A pesquisa, embora em curso, tem demonstrado que a representação do velho na mídia digital, mais especificamente no site Universo Online, nos traz um “idoso menino”, um idoso adolescente”, que “precisa” ter um corpo definido, ausência de rugas, esportista, belo. Em momento algum, nas quase cem matérias investigadas, temos a representação real do processo de envelhecimento. O tempo todo envelhecer parece, tanto nas fotos quanto nos textos, um processo distante porque os velhos tem que ser ágeis, os velhos tem que ser joviais, os velhos tem que ser.

Estamos retirando da velhice a possibilidade de construção, de reavaliação, de memória. Estamos extirpando o envelhecimento das nossas vidas como se ele jamais fosse acontecer. Estamos emudecendo e apagando o velho.

Mas como manter esta situação sustentável em um mundo que caminha para o envelhecimento?

Mais do que nunca precisamos ouvir e entender o que o passar dos anos nos traz, e principalmente, como ele deve ser representado na mídia, construtora em si de significados, pois é através dela que podemos ter a possibilidade de uma insurreição dos velhos.

Mas será que o mercado permitirá que isso aconteça?

*“Cada um de nós, mesmo os muito jovens, deveria se reconhecer no velho que é hoje ou no velho que será amanhã: velho não é o outro, velho sou eu” (MIRIAM GOLDENBERG*



## Referências

ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo, São Paulo: Companhia das Letras, 2008

ARENDT, Hanna. **A condição humana**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990

BONZATO, Eduardo Antonio. **TRIPALIUM**: O trabalho como maldição, como crime e como punição. Disponível em:  
[http://unifia.edu.br/revista\\_eletronica/revistas/direito\\_foco/artigos/ano2011/Direito\\_em\\_foco\\_Tripalium.pdf](http://unifia.edu.br/revista_eletronica/revistas/direito_foco/artigos/ano2011/Direito_em_foco_Tripalium.pdf)

BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio D'água, 1991

\_\_\_\_\_. **A sociedade do consumo**. Lisboa: Elfos, 1995

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001

\_\_\_\_\_. **Comunidade** – a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003

\_\_\_\_\_. **Vida Líquida**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009

\_\_\_\_\_. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008

BECK, Ulrich, GIDDENS, Antony e LASH, Scott. **Modernidade reflexiva**: trabalho e estética na ordem social moderna. UNESP – São Paulo, 1997

BERMAN, M. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

BERGER, Peter L., LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985

BETH, Hanno; PROSS, Harry. **Introducción a la ciência de la comunicación**. Barcelona: Anthropos, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 16ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012

BRUM, Eliane. Me chamem de velha. Revista Época. Disponível em  
<http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2012/02/me-chamem-de-velha.html>



CAMARANO, Ana Maria (Org.); PASINATO, Maria Teresa. **Os novos idosos brasileiros muito além dos 60?** Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

CANCLINI, Néstor García. **A Globalização Imaginada**, São Paulo: Editora Iluminuras, 2003

\_\_\_\_\_. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. 4ª ed. 5. Reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011

CAÑIZAL, Eduardo Peñuela; CAETANO, Kati Eliana (Orgs.) **O olhar à deriva: mídia, significação e cultura**. São Paulo: Annablume, 2004

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. v. 2. São Paulo: Paz e Terra, 1999

\_\_\_\_\_. **A sociedade em rede: a era da informação – economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999

CATROGA, Fernando. **Memória e História**. In PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Fronteiras do Milênio*. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2001

CONTRERA, M. **A dessacralização do mundo e a sacralização da mídia**. In: BAITELLO, N. (org.) et al. *Os símbolos vivem mais que os homens: ensaios de comunicação, cultura e mídia*. São Paulo: Annablume, CISC, 2006

\_\_\_\_\_. **Ontem, hoje e amanhã: sobre os rituais midiáticos**. Revista FAMECOS, n. 28, Porto Alegre, 2005

\_\_\_\_\_. **Mediosfera: médios, imaginário y desencantamento del mundo**. Proyecto del grupo de investigación “Escritoras y Escrituras”, patrocinado por la Consejería de Economía, Innovación, Ciencia y Empleo de la Junta de Andalucía, 2012

CYRULNIK, Boris. **O murmúrio dos fantasmas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Sob o signo do afeto**. Lisboa. Instituto Piaget, 1995

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997

FLUSSER, Vilém. **Da religiosidade: a literatura e o senso de realidade**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

GOLDENBERG, Mirian. **A Bela Velhice**. Rio de Janeiro: Record, 2013

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003

LORENZ, K. **Os oito pecados mortais da civilização**. Lisboa: Litoral Edições, 1992.





MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: neurose. 9ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997

RUIZ, Castor M.M. Bartolomé, **Os paradoxos do imaginário**, Editora Unisinos - São Leopoldo, RS, 2003

SODRÉ, Muniz. **A Máquina de Narciso**: televisão, indivíduo e poder no Brasil. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1994.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004

WOLF, M. **La investigación de la comunicacion de masas**: crítica y perspectivas. Barcelona: Paidós, 1996